

HISTÓRIA E FICÇÃO EM TORTO ARADO: SOMOS QUILOMBOLAS

Patrícia Martins Alves do Prado¹

<https://doi.org/10.5281/zenodo.17494531>

Resumo: Como plano de trabalho, este estudo se debruça sobre a obra *Torto Arado*, com o objetivo de compreender como aspectos da cultura e da história do povo negro no Brasil são representados na narrativa. Para isso, propõe-se uma leitura da alegoria da casa na obra, elemento que ressoa memórias evocadas pelas lembranças das três personagens narradoras, as quais forjam uma memória cultural marcada pelo legado de resistência à escravidão. A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica, com base em periódicos indexados na plataforma CAPES, a fim de conhecer o estado da arte relacionado à obra. A seleção das leituras foi orientada por uma abordagem qualitativa, voltada para as discussões sobre identidade e memória. O diálogo teórico foi construído a partir de autores que contribuem significativamente para o entendimento dessas temáticas, como Kabengele Munanga (2020), Flávio dos Santos Gomes (2015), Emília Viotti da Costa (2010) Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006), Gaston Bachelard (2005), Maria Bernardete Ramos Flores (2010), Pierre Nora (1993), Stuart Hall (2005), Joyce Fernandes (2021), Michelle Márcia Cobra Torre (2022) e Adianys González Herrera (2018). Considera-se, como ponto central do corpus documental analisado, a reelaboração de imagens do contexto pós-abolição, as quais narram a experiência de sobrevivência à escravidão e os legados por ela deixados no modo de vida da comunidade da fazenda Água Negra. Como resultado dessa leitura, evidencia-se a resistência cultural do povo negro como expressão de um patrimônio imaterial que compõe a identidade cultural brasileira e reafirma sua presença histórica e política na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Memória; Quilombo; Resistência Cultural; Itamar Vieira Júnior

HISTORY AND FICTION IN TORTO ARADO: WE ARE QUILOMBOLAS

Abstract: As a work plan, this study focuses on the work "Torto Arado" (Torto Arado), aiming to understand how aspects of the culture and history of Black people in Brazil are represented in the narrative. To this end, we propose a reading of the allegory of the house in the work, an element that resonates with memories evoked by the three narrator characters, who forge a cultural memory marked by the legacy of resistance to slavery. The methodology adopted consisted of a bibliographic review, based on journals indexed in the CAPES platform, in order to understand the state of the art related to the work. The selection of readings was guided by a qualitative approach, focused on discussions of identity and memory. The theoretical dialogue was constructed from authors who contribute significantly to the understanding of these themes, such as Kabengele Munanga (2020), Flávio dos Santos Gomes (2015), Emília Viotti da Costa (2010) Wlamyra R. de Albuquerque and Walter Fraga Filho (2006), Gaston Bachelard (2005),

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás

Maria Bernardete Ramos Flores (2010), Pierre Nora (1993), Stuart Hall (2005), Joyce Fernandes (2021), Michelle Márcia Cobra Torre (2022) and Adianys González Herrera (2018). The central point of the documentary corpus analyzed is the reworking of images from the post-abolition context, which narrate the experience of surviving slavery and the legacies it left on the way of life of the Água Negra farm community. This analysis highlights the cultural resistance of Black people as an expression of an intangible heritage that constitutes Brazilian cultural identity and reaffirms their historical and political presence in contemporary society.

Keywords: Memory; Quilombo; Cultural Resistance; Itamar Vieira Júnior

INTRODUÇÃO

“Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas”. Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos” (Vieira Júnior, 2021, p.187)

O romance *Torto Arado* lança luz a experiências de sujeitos sociais esquecidos num Brasil agrário, com experiências de opressões que resistem ao tempo. Experiências de trabalho análogo a escravidão são intersecções entre o passado e presente da sociedade brasileira.

A pergunta colocada pelo historiador Flávio Gomes (2015) “O que aconteceu com os quilombos depois de 1888 com o fim da escravidão?” Encontra uma possibilidade de resposta na obra ficcional *Torto Arado*. Que se constitui como uma fonte interessante para pensar o ensino de modo interdisciplinar. Uma perspectiva adotada pelo governo da Bahia que adquiriu seis mil exemplares destinados aos estudantes das escolas públicas, conforme matéria do jornal sudoeste.² Para além do conteúdo, a representatividade é um fator que exerce uma função social importante na luta antirracista contra as desigualdades raciais. Além de fomentar por meio da ficção uma leitura da história de inserção dos negros no período posterior a abolição, estigmatizado pela exclusão. Contudo, a obra aponta para estratégias formadoras de outro imaginário social.

Assim, identificamos na narrativa ficcional um diálogo com aspectos da cultura e história do negro no Brasil, essa representação emerge nas páginas literárias do geógrafo baiano Itamar Vieira Rangel Júnior. Por intermédio da leitura da obra é possível dialogar com três temporalidades diferentes que projetam imagens da escravidão, um “passado que não passam” como nomeia Rousso (2020)³. E o período pós-abolição e o contexto de produção da obra que repercute com a história do tempo presente vigente nas lutas por salvaguardar direitos constitucionais, entre eles a certificação e titulação dos quilombos de remanescentes de escravos, uma demanda que permanece atual na sociedade brasileira.

A produção intelectual acadêmica e artística Vieira Júnior⁴ dialoga profundamente com a realidade social de Comunidades Quilombolas,

² COMUNICADO GOVERNO DA BAHIA. Rede estadual de ensino recebe seis mil exemplares do livro *Torto Arado*, que aborda temas como o racismo e escravidão no Brasil. **JORNAL SUDOESTE**. Disponível em: <https://www.jornaldosudoeste.com/rede-estadual-de-ensino-recebe-seis-mil-exemplares-do-livro-torto-arado-que-aborda-temas-como-racismo-e-escravidao-no-brasil/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

³ Escravidão contemporânea no Brasil ainda é matéria de noticiários. Mesmo sendo crime com pena prevista no código penal. Leonardo Sakamoto escreveu uma matéria em janeiro de 2022 acerca do trabalho escravo intitulada: “Brasil fecha 2021 com 1937 resgatados da escravidão, maior soma desde 2013”. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2022/01/brasil-fecha-2021-com-1937-resgatados-da-escravidao-maior-soma-desde-2013/>. Acesso em: 16 ago. 22

⁴ Veja dados biográficos disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior> Acessado em: 22 set. 2021

principalmente com a comunidade quilombola de Iúna⁵ no município de Lençóis - Bahia. O autor é graduado e mestre em geografia pela Universidade Federal da Bahia e doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela mesma instituição de ensino, também é servidor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA atuando no “Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas” (VIEIRA JR, 2017, p. 22).

Tendo em vista que o INCRA, é o órgão responsável pela identificação, delimitação e regularização dos territórios e titulação dos remanescentes quilombolas. Consideramos que toda essa rede de interlocução social fez parte da experiência de sujeito cultural de Vieira Júnior e corrobora para sua escrita ficcional. A obra *Torto Arado* foi publicada primeiro em Portugal em 2018 por ter sido vencedora do Prêmio Leya. A ‘posteriori’, foi premiada pelos Prêmios Oceanos e Prêmio Jabuti de Romance Literário.

Em *Torto Arado* a fazenda Água Negra é o lugar da pertença, onde as personagens formam um grupo de referência profundamente ligadas à terra e ao sentimento de solidariedade entre as quarenta famílias de trabalhadores rurais. Essa comunidade vivia em situações análogas à escravidão, os trabalhadores rurais exerciam suas funções sem receberem salário, usufruindo unicamente de um pequeno pedaço de chão em que as mulheres e crianças plantavam e colhiam a sobrevivência.

O romance está estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo “*O fio de Corte*” traz a visão de mundo da narradora Bibiana, o segundo capítulo tem o mesmo nome do livro é narrado pela personagem Belonísia. E quem conosco dialoga no terceiro capítulo “*Rio de Sangue*” é a encantada Maria Rita Pescadeira, uma personagem entidade da religião de matriz africana. Conforme a fala de Vieira Júnior em entrevista concedida a Vera Magalhães, jornalista do programa roda viva, o Jarê abarca um sincretismo religioso praticada unicamente na Chapada Diamantina, interior do Estado da Bahia.

O fio condutor de nossa análise trata-se de perceber *Como aspectos da cultura e história do negro no Brasil são projetadas na obra?* Neste sentido, propõe-se uma leitura da alegoria da casa na obra *Torto Arado*. Por repercutir imagens rememoradas pelas lembranças das três personagens narradoras que forjam uma memória cultural formada a partir do legado da escravidão.

DESENVOLVIMENTO: RIO DE SANGUE MEMÓRIA E IDENTIDADE

A metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica, com base em periódicos indexados na plataforma CAPES, a fim de conhecer o estado da arte relacionado à obra. A obra tem sido analisada sob diferentes perspectivas, assim, a seleção das leituras foi orientada por uma abordagem qualitativa,

⁵Dados acerca da Comunidade Quilombola de Iúna. Estão disponíveis no observatório de terras quilombolas: <https://cpisp.org.br/iuna/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

voltada para as discussões sobre identidade e memória. Pois auxilia-nos avançar no objetivo de analisar as imagens lembradas pelas lembranças das três personagens narradoras que forjam uma memória cultural basilar para reelaboração identitária na obra.

Nesse sentido, defendemos o terceiro capítulo de *Torto Arado* a estratégia narrativa propicia uma consciência da identidade quilombola e propicia sentido ao presente, assim tem-se a construção de uma memória intencional. Como Aleida Assmann constatou, a memória cultural suportada por mídias é “um lugar onde o passado é construído e produzido” (A. ASSMANN, 2011, p.1. 25 - 26) trata – se da construção de uma memória intencional:

a memória experiencial das testemunhas da época, caso não se deva perder no futuro, deve traduzir-se em uma memória cultural da posteridade. Dessa forma, a memória viva implica uma memória suportada em mídias que é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos. (A. ASSMANN, 2011, p.19)

A hipótese norteadora de nossa leitura é que Vieira Júnior tenha desenvolvido uma estratégia narrativa sofisticada no terceiro capítulo de seu livro *Torto Arado* para abordar a memória e trajetória dos povos descendentes da diáspora africana na formação do povo brasileiro – centrando-se na perspectiva do negro. Uma dimensão que permite pensar memória e identidade num contexto de reparação histórica contra o legado da escravidão, o racismo.

Joyce Fernandes (2021) apontou como fulcral a questão do trauma cultural em *Torto Arado* desdobrando-se como herança da escravidão. Em nossa perspectiva de análise, avaliamos como ponto central a reelaboração de imagens acerca do contexto Pós - abolição, pois narram a experiência humana de sobrevivência a escravidão e aos legados por ela deixados no modo de viver na fazenda Água Negra. Para Adianys González Herrera (2018), o cerne de *Torto Arado* trata-se da construção de uma identidade étnica vinculada ao território, formulando uma memória coletiva que se constitui ao mesclar longevidade dos sujeitos personagens, ancestralidade e a interação.

A análise de Michelle Márcia Cobra Torre (2022), tem como ponto de partida, diferentes formas de resistência vivenciadas pelas personagens, diante dos enfrentamentos cotidianos. Essas formas de resistências emergem como memórias subterrâneas e histórias silenciadas/apagadas pela memória e história oficial.

O autor Bernardo Nogueira e as autoras Islane Rocha e Fernanda Santos abordaram a obra a partir da linha interpretativa de intersecção entre literatura e direito defendendo que *Torto Arado* “expõe o papel excludente do Estado na efetivação dos Direitos Sociais no Brasil rural oculto.” (Nogueira; Rocha; Santos, 2024, 195)

Fernandes (2021), dá ênfase ao processo de trauma cultural no romance como um suporte para fomentar a reflexão. Para a autora é a estrutura narrativa polifônica na dinâmica de sobreposições de vozes que corrobora para

apresentação de memórias individuais e coletivas, constituindo-se como estratégia para construção de uma identidade cultural.

O romance não tem demarcação cronológica definida, apenas indícios tais como o nascimento de Zeca Chapéu Grande pai das personagens narradoras Bibiana e Belonísia trinta anos após a abolição da escravidão. A questão da abordagem do tempo no romance, configura-se como central ao abordar lembranças, configurando o ato de recordar no presente uma história e memória partilhada do povo negro no Brasil.

O termo quilombo advém dos povos de língua bantu, do kilombo aportuguesado tornou-se quilombo. Os quilombos emergem como locais de pertencimento, resistência dos povos africanos e seus descendentes em situação de diáspora forçada. Os quilombos foram formas de protesto às situações desumanas vivenciadas nas senzalas. Eram sociedades ou organizações de guerreiros, uma estratégia de resistência cultural pela liberdade. São territórios vinculados à identidade coletiva dessas comunidades e seus membros, com previsão legal no artigo 68 da Constituição Federal para requerimento de processo de titulação. As comunidades quilombolas possuem histórias e culturas heterogêneas no Brasil, entretanto, existem problemas comuns em relação à documentação da propriedade. Kabengele Munanga (2020).

Os quilombos também eram conhecidos como mocambos. Albuquerque e Fraga Filho (2006); Gomes (2015). O quilombo foi o conceito central refletido pela historiadora Beatriz Nascimento em sua narrativa escrita como fílmica em Ôrí. No filme documentário Ôrí Beatriz Nascimento(1989) asseverou que o:

Quilombo é uma história. Essa palavra têm uma história. Também têm uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.(GERBER, 1989)

Beatriz Nascimento ressignificou o conceito de quilombo ao relacionar a territorialidade com corporeidade a partir da experiência da diáspora, concepção que abarca o corpo como suporte de memória. Para Albuquerque e Fraga Filho:

A questão é que a esmagadora maioria da população carcerária e indigente do país é negra. Quem é negro está mais vulnerável à violência policial e ao desemprego. Então, hoje, a palavra de ordem é a igualdade de oportunidades, uma outra maneira de dizer liberdade e inclusão social como, antes de nós, tantos outros negros já

reivindicaram. Continuar se posicionando contra o racismo e defendendo melhores condições de vida é o que cabe a todos os herdeiros da história de luta do povo negro. É de fato tarefa de todo brasileiro. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.314)

Consideramos a resistência cultural do povo negro contra a opressão do racismo como um patrimônio cultural do povo brasileiro. Entretanto, Munanga (2020, p.20) alerta que a abolição não dirimiu o legado de desigualdade econômica e social, pois “a Casa Grande e a Senzala ainda permanecem, mas sob nova roupagem.” Aquilombar-se ainda se faz necessário e as imagens projetadas nas páginas literárias de Vieira Júnior (2021), mobilizam o pensamento complexo a respeito de aspectos da cultura e história do negro no Brasil. Pois:

diante de uma imagem estamos diante do tempo, plural e heterogêneo, aberto e híbrido, contraditório e descontínuo, o que implica uma certa dinâmica da memória. [...] Imagens que vêm do passado, algumas de um tempo longínquo, apresentam-se de novo e se instalam como novidade no mundo. Elas misturam passado e presente. Sobrevivem, perpassam sua época de produção, são reapropriadas, ditam crenças e práticas sociais e culturais. São acontecimentos, detentores de pensamento, de memória, de imaginação, sentimento e vida. (FLORES, 2010, p.7)

Neste sentido, *Torto Arado* traz imagens que não são cópias do real, mas ato de criação marcado pela verossimilhança ao mesclar informações acerca do passado e presente. De modo, a dialogar com a realidade histórica de violência estrutural no campo⁶ por via do assassinato de Severo líder na luta pela terra. Abordando dilemas e potencialidades das práticas sociais cotidianas no campo.

É através de olhares femininos que conhecemos por via da história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia as mazelas sociais vividas no campo e a solidariedade que une essa comunidade de trabalhadores rurais na fazenda Água Negra. A partir da reflexão estética de Vieira Júnior, na obra são abordadas muitas temáticas de cunho social, desde a luta pela sobrevivência dos trabalhadores na terra, a violência de gênero, o estupro sofrido por Carmelita,

6 Por vezes a literatura de ficção ilustra e dialoga com acontecimentos reais que fazem parte do contexto histórico e social do ficcionista. Embora neste trabalho não tenha o intuito de analisar o caso do massacre na Comunidade Quilombola de Lúna, constata-se permanência de violência no campo. Segundo Vieira Júnior (2017, p.25), “Dados da Comissão de Violência no Campo do Governo Federal, atualmente vinculada à Casa Civil, mostram que o número de assassinatos no campo, em 2015, chegou a 49 em todo o país. Nos últimos anos houve assassinatos de lideranças quilombolas no estado da Bahia e Maranhão. Além das próprias populações do campo, os servidores têm sido alvo de assédio e ameaças por parte de proprietários que enfrentam a perspectiva de desapropriação de suas terras, mesmo com a sinalização por parte da Administração Pública da regular indenização dos seus imóveis por parte do Estado.” Neste sentido, a Comissão da Pastoral da Terra produziu uma “NOTA PÚBLICA - Nota da CPT sobre apuração dos assassinatos de quilombolas na Bahia em 2017” a matéria está disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/%20publicacoes/noticias/cpt/4327-nota-publica-nota-da-cpt-sobre-apuracao-dos-assassinatos-de-quilombolas-na-bahia-em-2017>. Acesso em: 01 de set. 2022.

questionamentos sobre a história oficial, escravidão, a religião do Jarê, as desigualdades sociais, o racismo, a violência estrutural institucionalizada pelo Estado contra a população negra, a representação de Belonísia enquanto uma mulher ligada à terra desdobra-se como metáfora do silêncio desses trabalhadores, a resistência política organizada pela professora Bibiana e seu esposo sindicalista Severo pelo direito à terra, entrelaçam-se no enredo.

Vieira Júnior descreve as relações sociais no campo, a valorização da terra a partir do trabalho humano capaz de movimentar e ressignificar a própria vida da comunidade da fazenda Água Negra. A solidariedade e as práticas do Jarê são elementos integradores dessa comunidade que se ajudam em tempos difíceis na plantação com a perda do plantio pela estiagem prolongada ou nos períodos chuvosos quando as enchentes arrasam e levam para outros recantos a plantação. No sertão nordestino delineado por Vieira Júnior emergem a alegoria das casas dos trabalhadores obrigatoriamente feitas de barro, sendo ao longo do tempo refeitas após a ação das chuvas. Bibiana narra que Zeca Chapéu Grande, seu pai, até então líder comunitário em Água Negra, foi incentivado por Sutério para trazer novos trabalhadores para a fazenda:

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer a mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhada do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão. (VIEIRA JR, 2021, p. 41)

Albuquerque e Fraga Filho (2006), apontaram que no século XIX haviam dois modelos de senzalas no Brasil, barracão retangular e alongado próximo à casa grande. O segundo modelo contemplado em *Torto Arado* é o de barracos separados. De acordo com Albuquerque e Fraga Filho (2006) estes barracos eram:

construídos com paredes de barro batido e cobertas de sapê ou telhas de cerâmica. Eram construídas pelos próprios cativos. Nessas habitações eles tinham a oportunidade de organizar o espaço e dotá-lo de elementos culturais aprendidos na África. Os escravos deviam valorizar bastante a construção do próprio barraco, porque lá era possível dispor de maior privacidade e liberdade para sua vida doméstica. Ali era possível cozinhar a própria comida e alimentar-se longe da vista do senhor. Nos engenhos do Nordeste coexistiam os dois modelos de habitação, mas era mais comum as cabanas

dispostas em filas e localizadas a certa distância da casa-grande.
(ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.78-79)

Neste sentido, a alegoria das casas é relevante, pois a casa, espaço onde se movimenta a vida, nos reserva a intimidade, o aconchego, a proteção e “a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo.” (BACHELARD, 2005, p.196) Mas as imagens de casas feitas de barro que não suportavam a ação corrosiva do tempo. A interdição de construir casas de alvenaria emerge como uma forma de controle que afeta a subjetividade dos trabalhadores. E é acompanhada da negação de muitos outros direitos humanos.

Assim, as casas terem que serem feitas obrigatoriamente de barro é um marcador social significativo das relações de poder opressivas, formas de permanências da escravidão na sociedade pós-abolição que constituiu modos de vida desta comunidade rural, similar a tantas outras comunidades quilombolas como o exemplo da comunidade de Iúna. Segundo Vieira Júnior apontou em sua tese de doutorado:

Até os dias atuais os moradores continuam a ser alertados pelos proprietários de que “não deveriam construir casa de bloco, que senão iriam derrubar”. Uma interdição que parece ser comum a todas as fazendas nas quais as famílias moram e que formam a terra de Iúna. É recorrente nas falas dos sujeitos que a ordem era “pra morar em casas de barro”. (VIEIRA JR, 2017, p.58)

Porém, está alegoria das casas passa por um movimento de transformação com a emergência da liderança de Severo, e depois Bibiana. No final do romance, as casas passam a ser construídas em alvenaria. Insurgindo contra a vontade do dono da fazenda, o personagem Salomão que havia comprado a fazenda de porteira fechada.

A mudança na forma de pensar e agir dos trabalhadores demarca uma forma de enfrentamento direto, condutor da formação de um novo imaginário social, estruturador de representações identitárias impactadas pela luta pela terra e por sobrevivência. Vejamos as palavras de Salustiana:

Eu não tenho muita letra nem estudo, mas quero que a senhora entenda uma coisa. Eu não sou a única a morar nesta terra. Muitos desses moradores que vocês querem mandar embora chegaram muito antes de vocês. Vocês não eram nem nascidos. Muitos nasceram aqui. Tenho filhos e netos, todos nasceram em Água Negra. Também não posso dizer o que cada um pensa dela, tim-tim por tim-tim, porque não estou nos pensamentos de ninguém. Mas falo por mim: eu nasci em Bom Jesus, mas também nasci de alguma forma nesta terra. Cheguei aqui moça e jovem. Aqui vivi, criei meus filhos, labutei com meu marido, vi meus vizinhos e compadres serem enterrados, lá no cemitério que vocês fecharam. Fui parida, mas também pari esta terra. Sabe o que é parir? A senhora teve filhos. Mas sabe o que é parir? Alimentar e tirar uma vida de dentro de você? Uma vida que irá continuar mesmo

quando você já não estiver mais nesta terra de Deus? Não sei se a senhora sabe, mas eu peguei em minhas mãos a maioria desses meninos, homens e mulheres que a senhora vê por aí. Sou mãe de pegação deles. **Assim, como apanhei cada um com minhas mãos, eu pari esta terra. Deixa ver se a senhora entendeu: esta terra mora em mim”, bateu com força em seu peito, “brotou e enraizou”. “Aqui”, bateu novamente no peito, “é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho.** No meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e de seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim. (VIEIRA JR, 2021, p.229-230)

A personagem Salustiana Nicolau, mãe de Belonísia e Bibiana, ao longo da história muda seu posicionamento frente a situação de opressão e morte enfrentada por sua família. No trecho acima, Salustiana nos fala a partir do seu trabalho como parteira, o sentido de seu viver. E aborda esse espaço, à terra como constitutiva de sua identidade e de seus filhos de pegação. Para Bachelard (2005, p.200), o espaço da casa é o próprio cosmo, lugar aonde enraizamos cotidianamente nossa existência, nossos valores. E é essa a relação estabelecida por Salustiana em ser parida pela terra, em nascer de Água Negra. Também por meio de seu trabalho parir a terra como símbolo da própria vida.

Neste sentido, a ficção de Vieira Júnior em *Torto Arado* é profundamente humanizadora, traz a subjetividade, a valorização das pessoas e suas lutas sem romancear os dilemas enfrentados na formação do povo brasileiro. Aborda o mito da democracia racial a partir dos sujeitos a margens da história oficial. A personagem Belonísia narrou que:

Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado [...] ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa. Meu desinteresse só fazia crescer.” (VIEIRA JR, 2021, p.97)

A narrativa de Belonísia ao olhar para o passado do Brasil, questiona o sentido da história oficial. É uma voz e subjetividade permeada por uma consciência histórica que problematizou a história nacional e as relações de poder que imergem no currículo escolar sem ter possibilidade de se fazer ouvida.

A personagem Santa Rita Pescadeira desnaturaliza os processos de violências históricas ao trazer à baila a imagem do seu povo a vagar sem rumo. Pois:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir

casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar das nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. (VIEIRA JR, 2021, p.220)

Com estas passagens, percebemos a projeção de aspectos da cultura e história do negro no Brasil enquanto imagens rememoradas pelas lembranças das três personagens narradoras. Capazes de forjar uma memória cultural formada a partir do legado escravidão. Que narram a experiência humana de sobrevivência a escravidão e aos legados por ela deixados no modo de viver na fazenda Água Negra. A hipótese norteadora de nossa leitura é que Vieira Júnior tenha desenvolvido uma estratégia narrativa sofisticada no terceiro capítulo de seu livro *Torto Arado* para abordar a memória e trajetória dos povos descendentes da diáspora africana.

De acordo com Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, 09)

A memória é basilar na (re) construção da identidade individual e coletiva através da dinâmica cultural dos encontros e desencontros com a alteridade. As identidades não podem ser pensadas como fixas, essencializadas ou homogeneizadas, mas como um conceito estratégico e posicional sempre em (re)construção:

porque as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nos precisamos compreendê-los como produzidos em locais históricos específicos, no interior de formações e práticas discursivas: específicas por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2005:109).

Em *Torto Arado*, é a encantada quem constrói um discurso identitário que atravessa os tempos. Como a encantada Maria Rita Pescadeira é um ser onisciente, guardiã de uma memória ancestral. Um ente atemporal, rompe as fronteiras do espaço e do tempo para contar a história do povo negro no Brasil. A encantada definiu-se como sendo:

Muitos nunca estiveram conformados com os interditos, mas durante muito tempo foi necessário permanecer quieto e submisso para garantir a sobrevivência. Agora falam em direito dos pretos, dos descendentes de escravos que viveram errantes de um lugar para o outro. Falam muito sobre isso. Que agora tem lei. Tem formas de garantir a terra. De não viverem à mercê de dono, correndo daqui pra acolá, como no passado. Sou uma velha encantada, muito antiga, que

acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes. (VIEIRA JR, 2021, p.212)

Por intermédio da narradora encantada, Vieira Júnior revisita a história por meio da arte e projeta no terceiro capítulo a trajetória dos povos descendentes da diáspora africana, o sequestro, a travessia do atlântico, o sofrimento e morte no cativeiro, a resistência: luta do povo negro para sobreviver e o ato político da assunção da identidade de povo quilombola pelo direito à terra.

Esse olhar da personagem encantada Maria Rita Pescadeira é atravessado pela compreensão das relações de poder que envolvem a partilha da terra e a lembrança de que os primeiros moradores da fazenda, “a família Peixoto havia herdado terras das sesmarias.” (VIEIRA JR, 2021, p.176). A fazenda Água Negra fez parte do sistema de capitânicas hereditárias que estabeleceu o latifúndio no país. Essas imagens evidenciam um “o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar.” (BACHELARD, 2005, p.183)

Neste sentido, a leitura da obra é uma oportunidade, uma possibilidade de repensar a formação do povo brasileiro através da ressignificação do passado por via da luta antirracista por inclusão. Por intermédio da leitura da obra de Itamar Vieira Júnior, percebe-se a desigualdade social como desdobramento do processo histórico de exclusão que não foi atenuado no período pós-abolição. Posto que, “Depois da abolição os libertos foram esquecidos. Com exceção de algumas poucas vozes, ninguém parecia pensar que era sua responsabilidade contribuir de alguma maneira para facilitar a transição do escravo para o cidadão.” (COSTA, 2010, p.137)

O enredo incorpora os conflitos pela terra. E uma forma de trabalho análoga à escravidão como permanência de um passado colonial escravista que resiste ao tempo. Mas, por outro lado, também aponta o povo que assim com negro no Brasil resiste, se organiza, luta por justiça social tendo como desdobramento a dinâmica entre retrocessos e avanços.

Após voltar o olhar para sua própria história, e reconhecer sua ancestralidade, no final do romance, aquela comunidade assumem politicamente sua identidade como povo negro, superam a visão do “Outro” e os preconceitos afirmando “nós somos quilombolas”. Um ponto central, visto que o processo de demarcação e regularização do território quilombola conforme a Convenção 169⁷ da Organização Internacional do Trabalho coloca

⁷ No artigo primeiro inciso 2º da Convenção nº169 normatiza como critério a autoidentificação “2. A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção” ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Convenção nº169 sobre povos indígenas e tribais. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/convencoes/WCMS_236247/lang--pt/index.htm Acesso em:

como critério a autoidentificação. O quilombo elaborado por Vieira Júnior na ficção tem correspondência verossímil com outras formas de agrupamento e organização quilombola, marcado pela luta pela terra e pela inclusão social.

As personagens Severo e Bibiana, sonhavam uma vida melhor para a comunidade afrodescendente de Água Negra. Severo, a partir de sua militância em sindicatos, construiu uma percepção de serem quilombolas, sujeitos detentores de direitos sociais negados. E assim, passou a ser junto à Bibiana uma liderança mobilizadora dos trabalhadores. Porém, antes de regularizar juridicamente o sindicato dos trabalhadores, Severo é assassinado. Jorra um rio de sangue que põem em ebulição a fúria da encantada que planeja o suplício do fazendeiro Salomão.

O romance *Torto Arado* é marcado por incertezas frente ao futuro, antes de ser assassinado Salomão como não conseguia mais frear a desobediência dos trabalhadores relacionada a construções de casas de alvenaria recorreu à justiça. Assim:

Meses depois, a notícia dos assassinatos trouxe funcionários de órgãos públicos, que ouviram moradores num processo de reintegração de posse. Aquela chegada foi celebrada com alívio. Tudo permanecia incerto, não havia prazos para a solução do problema, mas aquela movimentação indicava que a existência de Água Negra já era um fato. Não eram mais invisíveis, nem mesmo poderiam ser ignorados. (VIEIRA JR, 2021, p.257)

Ação de reintegração de posse não é concluída para nenhum dos lados em disputa, mas aponta para abertura de novas possibilidades. No mínimo os moradores de Água Negra terem sua situação vista e reconhecida pelo Estado num processo que demarca o direito à terra. O direito de ser e estar no espaço.

A reflexão de Beatriz traz inquietação da pessoa negra, da criança negra não encontrar referências, uma representação da autoimagem dentro do processo educativo, pois "...a mecânica da leitura, onde você não sabem quem é, porque não está nos livros" (Nascimento *apud* Ratts, 2006, p.49), isso tem lentamente mudado com o avanço das políticas públicas que foram tensionados pelas lutas em combate ao racismo, mas ainda há muito por avançar até garantir a equidade. Entretanto, os pontos de referências dos afrodescendentes multiplicam-se. Representações de mulheres fortes como Salustiana, Donana, Belonisia e Bibiana em *Torto Arado* são contribuições fundamentais para a reelaboração de um novo imaginário social do povo brasileiro.

26 de nov 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A leitura da obra é uma possibilidade de repensar a formação do povo brasileiro e a ressignificação do passado por via da luta antirracista por inclusão. A desigualdade social nas formas de trabalho como desdobramento do processo histórico de exclusão da população negra que não é atenuado com políticas públicas de inserção e inclusão após a abolição no período republicano da história do Brasil. Permanece a lógica da casa grande e senzala.

Formulamos a hipótese que Vieira Júnior revisita a história do Brasil por meio da arte e projeta no terceiro capítulo a trajetória dos povos descendentes da diáspora africana. Por intermédio, da personagem a encantada Maria Rita Pescadeira ser onisciente, guardiã de uma memória ancestral narra um percurso de luta desde o sequestro dos africanos escravizados, a travessia pelo oceano atlântico, o sofrimento e morte no cativeiro, a resistência do povo negro que luta para sobreviver e por fim o ato político da assunção da identidade étnica quilombola.

Em meio às imagens permeadas de opressão, violência, resiliência, resistência, os saberes e cultura dos afrodescendentes na fazenda Água Negra são recriados como referências para a formação de um novo imaginário social. Assim, como resultado dessa leitura, evidencia-se a resistência cultural do povo negro como expressão de um patrimônio imaterial que compõe a identidade cultural brasileira e reafirma sua presença histórica e política na sociedade contemporânea

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Wlamyra; Walter FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COSTA, Emília Viotti. da. **A abolição**. 9ª ed. São Paulo: Editora UNESP. 2010.

FERNANDES, Joyce. O legado traumático da escravidão em Torto Arado. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 11, n. 23, p. 229-248, 2021.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A imagem como acontecimento: ou pensando as imagens. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 21, p. 7-8, 2010.

GERBER, Raquel. (Dir.) (1989) **Ôrí**. São Paulo, Angra Filmes. 90 min.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**. São Paulo: Claro Enigma. 2015.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e diferença**. 4.a, Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

- HERERA, Adianys González. Torto Arado: la tierra como fundamento de la (re)construcción de una identidade étnica – entre la esclavización y la resistência. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 01, p. 245-249, jan./jun. 2021.
- MUNANGA, Kabengele. Apresentação. *In*: FÉLIX, R. Volta miúda: quilombo, memória e emancipação. Ilhéus, BA: Editus, 2020, pp. 19-23.
- NOGUEIRA, Bernardo; Rocha, Islaine; Santos, Fernanda. Direito na literatura: reflexões sobre o romance torto arado e os direitos sociais em um brasil rural oculto. **Interfaces Científicas - Direito**, 9(3), 181–197.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 7-28, jul./dez. 1993.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial e Instituto Kwanza, 2006.
- Roda Viva. Itamar Vieira Júnior. YouTube. 15/02/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MU9iUc2UHBQ&t=803s>
- Rouso, Henry. A memória traumática da Europa. *In*: Fredrigo, Fabiana de Souza; Gomes, Ivan Lima (orgs.) **História e Trauma: Linguagens e Usos do Passado**. Vitória: Editora Milfontes. pp. 71-80. 2020.
- TORRE, Michelle Márcia Cobra. As formas de resistência em *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 161-186, 2022.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. R. **Torto Arado**. 12 ed., São Paulo: Todavia, 2021.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. R. **Trabalhar é tá na luta: Vida, morada e movimento entre o povo da luna, Chapada Diamantina**. 2017. 293 p. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.